

**CADERNO
DE
UM
AUSENTE**

**JOÃO
ANZANELLO
CARRASCOZA**

Copyright © 2017 by João Anzanello Carrascoza

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico

Elisa von Randow

Preparação

Eduardo Rosal

Revisão

Márcia Moura e Renata Lopes Del Nero

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carrascoza, João Anzanello

Caderno de um ausente / João Anzanello Carrascoza;
posfácio de José Luiz Passos — 1ª ed. — São Paulo : Alfaguara,
2017.

ISBN 978-85-5652-033-3

ISBN 978-85-5652-036-4 (coleção)

1. Ficção 2. Ficção brasileira I. Título.

17-01155

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira

869.3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 – Sala 3001

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/alfaguara.br

twitter.com/alfaguara_br

Para Juliana



*De que modo ensinai as coisas futuras,
ó Senhor, para quem não há futuro?*

SANTO AGOSTINHO

[...] mas que doce amargura dizer as coisas [...]

RADUAN NASSAR

Filha, acabas de nascer, mal eu te peguei no colo, e pronto, *já chega*, disse a enfermeira, e te recolheu de mim, foi apenas pra gravarmos uma cena, agora os pais assistem ao parto, e tudo é filmado, antes não havia nada disso, eu nasci das mãos de uma parteira, já na época do teu irmão — um meio-irmão, de quinze anos, é bom que logo saibas —, a moda era o registro fotográfico, outro dia ele se viu numa foto comigo, logo que veio à luz, e sorriu, e, em seguida, silenciou, e então eu imagino o que ele, como um rio rumo à foz, leu nas águas daquele momento inicial, e, agora,

eu também só concordei com a filmagem pelo mesmo motivo, pra que te vejas, no futuro, junto a mim, eu te recebendo nesta hora primeira, dando-te as boas-vindas, se assim se pode dizer, vais descobrir por ti mesma que este é um mundo de expiação, embora haja ocasionalmente umas alegrias, não há como negar — as verdadeiras vêm travestidas, é preciso abrir os olhos dos teus olhos pra percebê-las. Acabas de nascer e eu tenho de te explicar, como se já pudesses entender, e, da mesma forma, estou dizendo a mim, que não vamos passar muito tempo juntos, que deves te preparar pra viver mais longe de mim do que perto — eu farei parte, pra sempre, só do início de tua história; não há outro jeito, mesmo com a maior das esperanças, de te ver crescer como vi o teu irmão e continuarei a vê-lo até se tornar adulto, ele à beira de ser o homem que será, talvez até dê tempo pra que eu o veja se casar e me dar, quem sabe, um ou dois netos. — Mas tu, não. Vens com esta marca, de minha ausência, a envolver inteiramen-

te a tua vida, e este é um dos primeiros sustos que temos nesta existência, somos o que somos, não há como alterar a nossa história, sobretudo se ela já começa no meio, ou mais próxima ao fim — esta porta do hospital, de vaivém, foi a tua porta de entrada, talvez seja a minha de saída —, se há destinos emaranhados, o meu e o teu apenas vão se resvalar feito fitas, ainda que o toque possa abrir em nós uma ferida, como as folhas de papel. Dependendo da maneira como as pegamos, as folhas de papel, inocentes, em sua aparência, nos rasgam a pele, até mesmo as peles mais rudes, de lavradores como o teu avô, meu pai, que já se foi, folhas de papel, especialmente em branco, podem, de súbito, se encher de sangue, pela tua própria ação intempestiva, imagine, então, quando nelas as palavras irrompem em incontrolável hemorragia. — Ali, naquela bacia, a placenta que até há pouco te envolvia, como a casca de um ovo, ela te mantinha protegida, preparando-te pra vida do lado de cá; deves estar sentindo frio, depois de

tanto tempo no calor do ventre, a tua mãe agora dorme, tu, que vens de dentro dela, deves saber o quanto ela sofreu, e esse é outro fato inescapável de teu destino, uma mãe de saúde débil, mas que correu todos os riscos pra te trazer aqui, amor não te faltará, eu te asseguro, ela é dessas mulheres que deseja a proximidade o tempo inteiro, capaz até de te sufocar, de tanto amor, mas de tua mãe falarei depois, pelo cordão umbilical tu já a conheces mais no âmago do que eu, apesar do que dizem sobre os casais — que tanto se conhecem a ponto de se confundirem —, o mistério de cada um só a ele pertence, há regiões nossas às quais nem nós mesmos alcançamos. — Desculpe-me por te dizer isso quando ainda mal chegaste, eu sou saudável pra um homem de cinquenta e tantos anos que cometeu lá os seus excessos, tenho vitalidade de sobra, há manhãs que me sinto em plenitude, com um desejo de viver maior do que em menino, quando queria crescer logo e imaginava existir um abre-te sésamo pra me revelar os mistérios

do mundo, eu acreditava que havia uma escrita cifrada em algum documento oculto, por meio da qual todo o sem-sentido da existência, de repente, se iluminaria, eu supunha que podia encontrar o pergaminho, a chave lendária, o livro sagrado que explicaria o engenho humano e o segredo das divindades — tu descobrirás, filha, que sonhar nos salva da rotina, mas, também, nos desliga da única coisa que nos mantém em vigília: o muro concreto do presente. — Sim, estou ótimo pra alguém da minha idade, ao menos é como me sinto, quero permanecer ainda um tempo por aqui, mas, preciso te dizer, filha, sei bem distinguir quando aquilo que capto, na configuração das nuvens, é apenas uma suspeita ou um fato a caminho, ineludível, aprendi a ler o que está escrito nas altas esferas, e também no rodapé da nossa rotina. — Apesar de vítimas dia a dia de enganos, há uma hora em que aprendemos a reconhecer a verdade em qualquer rosto, mesmo num rosto disfarçado com máscara grosseira, ou refeito por mil cirur-

gias, haverá sempre quem diga, mirando a tua face rubra, ainda amassada, depois de rascunhada e, ao longo dos últimos meses, envelhecida dentro de tua mãe — este processo nunca para, é a silenciosa bomba-relógio de nossa existência —, que tens alguns de meus traços, talvez os menos marcantes; por isso, eu te peço perdão, filha, por não ser o anfitrião ideal, por te recepcionar com estas palavras rascantes, mas não há como esconder a morte ante a estreia de uma vida.

A tua mãe, tão reservada, pediu a filmagem do parto apenas pra rebobinar as lembranças quando quisesse te ver chegando, novamente, jamais pra exhibir à visita ou a familiar distante, ela preferiu o “livro do bebê”, no qual se registram o primeiro banho, a primeira palavra, o primeiro dentinho e tudo o mais ao longo de um ano, amanhã vai começar a assinalar cada progresso teu, e com qual idade tu o lograrás, pra depois dizer ao pediatra, e conferir, com orgulho, que estarás crescendo forte, apesar de ser fruto de um espermatozoide velho e de um amor tardio. — Tua

tia Marisa tentou convencê-la a fazer um álbum de fotografias, desses anunciados na internet, vinte reais a cópia, sete tamanhos, quatro estilos de capa, cinco tipos de papel, mais de mil opções de layout, a história do bebê contada com desconto de até sessenta por cento — enfim, vai te acostumando com a matemática, filha, os números vão reger as tuas decisões —, mas ela não se motivou, talvez tenha se enfastiado com tantas dicas que recebeu pra cuidar de ti, sobretudo os guias práticos das mães, *A encantadora de bebês resolve todos os seus problemas*, *Pequena biblioteca do bebê*, *O que esperar quando você está esperando*, *Nana nenê*, *O primeiro ano de seu bebê mês a mês*, mas a tua mãe optou por este caderno de notas, registro de tuas iniciações, poderia já preencher a primeira página, a caligrafia dela é linda, as letras bem definidas, tu verás, fácil pra qualquer leitor reconhecer — diferente do meu “j” que parece “g”, de meu “l” que se confunde com o “i” —, as palavras grafadas com limpidez, igual água dentro do

vidro, exibindo toda a transparência de sua escritura líquida e, ao mesmo tempo, escondendo resíduos de substâncias, milagrosas ou nocivas, a revelar e ocultar seu segredo em qualquer punhado de correnteza que colhemos; ■■■ a tua vida, filha, é um texto que há tempos começamos a escrever, mas, daqui em diante, também te cabe pegar esta tinta e delinear o teu curso, tome só cuidado com o que retiras do nada e trazes à superfície, é comum borrar ou rasurar um trecho, mas é impossível apagá-lo, a palavra se faz carne, e a carne se lacera, a carne apodrece aos poucos, mas é também pela carne que a palavra se imortaliza. Não há borracha para um fato já vivido, pode-se erguer represas e costões, muralhas e fortalezas para barrar o fluxo das horas, mas, uma vez que o sol se torne sombra, que o luar penda no céu em luto, a névoa se disperse na paisagem pendurada à parede, o dedo acione o gatilho, nada mais se pode fazer; nossa jornada, aqui, é única, a ninguém será dada a prerrogativa, salvadora ou danosa, da reescrita. ■■■

Filha, tua mãe, amanhã, vai abrir o teu livro de bebê e anotar na primeira página o que, em verdade, já está escrito — a mão dela vai apenas confirmar, como um compositor confirma, ouvindo seu ritmo interior, as notas que ele dispõe na partitura. *Nome do bebê:* Beatriz *Sexo:* feminino *Tamanho:* 50 centímetros *Cor da pele:* branca *Cor dos olhos:* cinza (tua mãe gostaria que se tornassem azuis, mas serão castanhos) *Cor dos cabelos:* preto *Dia de chegada:* 30 de abril *Ano:* 2002 *Horário:* 14h21 *Lugar:* Maternidade Santa Catarina *Cidade:* São Paulo *País:* Brasil *Nome da mãe:* Juliana *Nome do pai:* João. — Imagino os outros dados desta página inaugural e das seguintes que precisam ser preenchidos, a primeira roupa que te vestiram, e quem a deu, se era verão ou inverno, se naquela noite chovia, quem foi a tua primeira visita, e se há alguma marca em teu corpo, se tu espirras, se choras, se tuas unhas estavam crescidas, o teu primeiro arrote, o primeiro vômito, o primeiro peito, não há fronteiras, filha, para a criatividade — e para a pieguice — humana, tudo

pra honrar a tua história, pra te conferir uma aura de singularidade, embora sejas apenas mais um, entre milhares de neófitos, que vai se igualar a todos no espanto de te descobrir finita, no aprendizado do amor e da inveja, na dolorida jornada rumo à conscientização de tuas misérias, no sonho de encontrar a explicação que te salve de ti mesma, a magia que retire de teu corpo o limite que o aprisiona, e de tua imaginação o medo que a refreia. —

Logo, tua mãe terá tantos afazeres, que se esquecerá deste livro, concebido, aliás, só para esses primeiros dias de espanto; em breve, filha, os teus progressos não serão mais anotados no papel, mas em nossa carne e em nossa memória, especialmente na tua, porque a dor de dente é menor na boca alheia, as angústias não podem ser partilhadas ainda que queiramos, somente nós mesmos sabemos (sabemos?) o bem e o mal de ser quem somos. Deveriam inventar um livro correspondente para os pais, eu e tua mãe poderíamos anotar nele o que tu, mesmo involuntariamente, nos

causou com a tua vinda e o que vais nos causar adiante: o primeiro susto (será que ela é mesmo normal, sem nenhum defeito?), a primeira decepção (é tão feia quanto qualquer recém-nascido), a primeira tristeza (ainda que tenhamos amor por ti, não é um amor grande o suficiente pra ter te deixado só no sonho), a primeira dor (afinal, somos responsáveis por ter te trazido aqui — aqui, onde terás de conviver diariamente com o não, quando todo o teu ser suplicará pelo sim).